

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Alyne Francielly Silva de Moraes

LIBERDADE DE EXPRESSÃO COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO PARA
APRENDIZAGEM NA EJA (ENSINO FUNDAMENTAL)
-Estudo de Caso Sobre Escola da Rede Municipal de Porto Alegre/RS-

Porto Alegre
2017

Alyne Francielly Silva de Moraes

LIBERDADE DE EXPRESSÃO COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO PARA
APRENDIZAGEM NA EJA (ENSINO FUNDAMENTAL)

-Estudo de Caso Sobre Escola da Rede Municipal de Porto Alegre/RS-

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de habilitação: Licenciatura em Pedagogia

Orientador: Prof. Paulo Peixoto de Albuquerque

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Moraes, Alyne Francielly Silva de
LIBERDADE DE EXPRESSÃO COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO
PARA APRENDIZAGEM NA EJA (ENSINO FUNDAMENTAL) -
Estudo de Caso Sobre Escola da Rede Municipal de
Porto Alegre/RS- / Alyne Francielly Silva de Moraes.
-- 2017.
49 f.

Orientador: Paulo Peixoto de Albuquerque.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,
BR-RS, 2017.

1. Liberdade de Expressão. I. Albuquerque, Paulo
Peixoto de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Alyne Francielly Silva de Moraes

LIBERDADE DE EXPRESSÃO COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO PARA
APRENDIZAGEM NA EJA (ENSINO FUNDAMENTAL)

-Estudo de Caso Sobre Escola da Rede Municipal de Porto Alegre/RS-

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado na
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 26 de Julho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profº Paulo Peixoto de Albuquerque- UFRGS

Profa^a Carmem Bezerra Machado- UFRGS

Profº Dilmar Lopes- UFRGS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Agradecimentos...

... Ao meu Deus, por ser fiel a cada momento!

... Ao meu esposo. Obrigada pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada semestre!

... À minha mãe e meu pai que sempre apoiaram meus projetos. Obrigada por me ajudarem a sempre seguir em frente, e por cada oportunidade que me deram durante estes anos de graduação! Amo vocês!

... Às minhas irmãs, irmãos, cunhadas e sobrinhas agradeço imensamente o carinho de vocês. Certamente vocês fazem parte desta vitória. Amo vocês!

... Ao professor orientador, Paulo Albuquerque pela paciência e calma para me ajudar na conclusão deste trabalho e pela disposição em sempre me auxiliar da melhor forma. Obrigada, profe!

RESUMO

Resumo: Este trabalho traz em seu conteúdo uma análise referente à questão da Liberdade de Expressão na Educação de Jovens e Adultos (EJA), analisando as metodologias de ensino desta modalidade de ensino baseando-se, como referencial, em Paulo Freire e sua linha de pensamento sobre a aplicação destas à EJA. Juntamente com esta análise, esta monografia trará em seu conteúdo o retrospecto histórico da Educação de Adultos no Brasil, analisando as suas etapas e no que implica na Educação de Adultos atualmente. Também acompanhará um estudo de caso sobre as metodologias atuais de ensino dos professores da EJA, onde se pode encontrar entrevistas com alunos e professores da Escola CMET Paulo Freire, juntamente com as análises das respostas obtidas através de entrevistas com os mesmos individualmente.

Palavras-chave: Liberdade. Educação. Fundamento Pedagógico.

ABSTRACT

Abstract: This work presents in its content an analysis related to the issue of Freedom of Expression in the Education of Young and Adults (EJA), analyzing the methodologies of teaching of this modality of education based, as a reference, on Paulo Freire and his line of thinking about The application of these to the EJA. Together with this analysis, this monograph will bring in its contents the historical retrospect of Adult Education in Brazil, analyzing its stages and what it implies in Adult Education today. It will also follow a case study on the current teaching methods of the EJA teachers, where you can find interviews with students and teachers of the CMET School Paulo Freire, along with the analysis of the answers obtained through interviews with them individually.

Keywords: Freedom. Education. Pedagogical Foundation.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1. Na contemporaneidade as possibilidades do dizer se confundem quando se pensa educação de Adultos? | 16 |
| 2. Prática Pedagógica - Conhecimento e Liberdade de Expressão | 20 |
| 3. No Retrospecto Histórico da EJA que a Pedagogia se Apresenta | 23 |
| 4. ESTUDO DE CASO SOBRE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO EM ESCOLA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE | 28 |
| 4.1 Apresentação da Escola..... | 28 |
| 4.2 Entrevistas e Análises das Entrevistas..... | 29 |
| 5. Considerações Finais. Possibilidades da Liberdade de Expressão em sala de aula | 43 |
| REFERÊNCIAS | 46 |
| APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 48 |

Introdução

Desde o início de minha formação no Curso de Pedagogia, trago comigo algumas inquietações e questões a respeito do tema da Liberdade de Expressão na EJA, tais como: por que aquele que se expressa livremente nem sempre é capaz de evidenciar sua vontade em sala de aula? Por que é tão difícil expressar seus pensamentos e assim fazer-se valer como parte em uma sociedade composta por sujeitos sociais? É sabido que é através da palavra que o aluno pode expressar-se e assim obter respeito e fazer vínculos com o outro diferente de si.

Agora ao final do curso tenho a possibilidade de materializar estas inquietações através da construção de um Trabalho de Conclusão de Curso; entendo que tal tarefa é muito mais do que uma exigência acadêmica para titulação, mas o momento em que depois de 8 semestres possamos fazer algumas sínteses. Por isso esta temática, que articula dois substantivos: liberdade e expressão.

Liberdade, segundo o dicionário (Aurélio 1986), quer dizer: Direito de agir segundo o seu livre arbítrio, de acordo com a própria vontade. E Expressão, também, segundo o mesmo dicionário quer dizer: Demonstração das ideias através de palavras.

Dois substantivos que são fundamentais na educação, principalmente na Educação de Jovens de Adultos, porque nos remetem a certos saberes/conhecimentos que aquele que aprende tem/possui.

Ao começar a ler e estudar sobre a valorização¹ de conhecimentos prévios³ do aluno da EJA, na Universidade, pude perceber o quão importante é para o aluno fazer valer sua identidade dentro de sala de aula e o quanto essa valorização se reproduz nos espaços educativos extra-classe, no modo como este aluno é percebido em seus grupos paralelos ao ambiente escolar.

¹valorização tem a ver com atitude de pressuposto ético de uma educação, que na corrente Freiriana significa dar oportunidade e autonomia para que o aluno possa participar e ver sentido em sua aprendizagem.

³conhecimentos prévios tem a ver com aquilo que se entende por conhecimentos tácitos, ou seja, o que o aluno vivenciou e/ou vivencia em seu cotidiano.

Entendo que para o aluno sentir-se parte, sentir-se sujeito de um espaço educativo como é a Escola alguns critérios devem balizar a ação docente: aceitação do outro e a prática da tolerância⁴, elementos que articulados concorrem para, dois movimentos: O primeiro *externo*, aquele que está em situação de aprendizagem percebe-se aceito enquanto sujeito que traz consigo um saber, e que este saber mesmo não sistematizado ou organizado nos modelos acadêmicos/escolares tem sentido; O segundo *interno*, pois mesmo diante de situações onde se explicitam o erro a percepção do erro favorece a autoaceitação, ou seja, aquele que apreende precisa errar para perceber que no erro está o caminho do aprendizado.

Daí a necessidade dos espaços educativos serem pautados pela liberdade de expressão. Por isso neste trabalho Liberdade de Expressão não é só tema ou caminho (método) para a construção do TCC, mas hipótese de pesquisa que atua como fio condutor de um des-cobrir a realidade da sala de aula ou da escola.

Des-cobrir, porque a realidade da sala de aula nem sempre é de valorização dos conhecimentos prévios, na medida em que fica muito presa aos conteúdos.

Minha hipótese de trabalho é a seguinte:

Somente com liberdade de expressão proposta no fazer docente o aluno pode ser protagonista do seu aprendizado, pois o aprender envolve dimensões que vão além do aprendizado de uma saber "técnico", mas de um compromisso político e social.

É compromisso pedagógico do docente que propõe aos alunos a refletirem e a valorizarem aquele saber que trazem, haja visto que na sociedade moderna⁵ podemos dizer que Liberdade como direito sempre foi o objetivo mais buscado pelos grupos sociais, pois se constitui em fazer valer a garantia de posicionamento, independente de colocações e situações além de reforçar o sentido da autonomia.

⁴ Ao falar da Tolerância neste contexto, me refiro à flexibilidade e respeito que deve se fazer presente em uma relação entre aluno e professor, aluno e aluno e entre aluno e sociedade para que haja liberdade em plenos sentidos na convivência entre sujeitos.

⁵Desde o iluminismo os princípios de liberdade sempre forma balizadores de grande mudanças: Revolução Francesa, Revolução Burguesa, Revolução 1917

Hoje, na sociedade contemporânea este mesmo princípio continua sendo buscado pelos diferentes grupos sociais, visto que por mais complexa e diversificada que seja a sociedade os indivíduos continuam a buscar/lutar pelos seus direitos de igualdade e autonomia.

Por isso, mais do que nunca liberdade e expressão, ou liberdade de expressão para quem trabalha com educação deve ser pensada como estratégia pedagógica importante, porque pode e deve ser suporte cultural, religioso e político.

Para o educador não só é interessante que os alunos aprendam a pensar por si mesmos, mas que a Escola promova o " pensar grande" , isto é, pensar o contexto social para que como adultos sejam mais tolerantes e com capacidade para compartilhar o seu saber com pensamentos e opiniões divergentes às suas.

O objetivo principal deste trabalho é:

Identificar nos Espaços Educativos propostos pela EJA se há nas metodologias de ensino a valorização dos conhecimentos prévios como estratégia de aprendizado e se os mesmos são balizadas pela liberdade de expressão;

Como objetivos específicos:

Caracterizar que metodologias de ensino utilizadas pelos professores estão de acordo ou não com o perfil, idade e vivência do aluno da EJA e de que modo se materializa a liberdade de expressão em sala de aula.

Identificar quais metodologias de ensino são mais efetivas para o aproveitamento de conhecimentos dos alunos através de suas bagagens culturais, políticas e religiosas.

"Educação enquanto processo aberto, plural que identifica contradições, a partir da recuperação histórica e na complexidade do mundo de hoje em suas múltiplas manifestações concorre para que se desconstrua noções, saberes em função das diferentes perspectivas de cultura que modelam a práxis do educador".(Albuquerque, Paulo, 2012 texto não editado)

Por isso, parto do pressuposto de que o termo ‘desconstrução’⁶, hoje em dia precisa ser melhor explicitado, pois dependendo do modo como se utiliza pode favorecer a uma atitude negativa relacionada ao erro e a desvalorização do que o aluno traz culturalmente.

A desconstrução aqui proposta, vai além do conceito pós-moderno⁷, porque entendemos desconstrução como sendo uma das etapas pelo qual passa o sujeito durante a sua aprendizagem de ressignificação das suas experiências anteriores.

Apresentamos a seguir algumas situações que em sala de aula materializam modos de ser e pensar: realidades que precisam ser discutidas, apresentadas e bem orientadas por educadores em salas de aula levando os alunos a refletirem sobre atitudes existentes na sociedade atual que implicam em uma má convivência e falta de consideração com outros indivíduos, tais como:, homofobia, machismo, etc...

Situação 1

É um negro de alma branca.

Um amigo conversa com outro:

- Acredito que essa história de racismo seja “mimimi”, vitimismo, etc...
- Quais motivos lhe levam a acreditar nessa sua afirmativa?
- Olha, eu mesmo posso dizer que não existe racismo, até porque eu tenho muitos amigos que são negros. Meu melhor amigo é negro. Posso até dizer que ele é um negro de alma branca...

⁶Significa o ato ou ação de desfazer o que se encontra feito. O que já está construído. Aqui apresentado como um conceito de “desvalorização” do que o aluno tem e traz em sua bagagem cultural.

⁷Trata-se basicamente de um o saber está marcado pela dúvida, desconstrução, perspectiva, desconfiança, interpretação, não-existência de verdades, suspeitas, construção do conhecimento a partir da problemática.

Neste saber há uma crítica da modernidade, de seus valores e princípios. Como proposta alternativa apresenta novas propostas: a subjetividade, o multiculturalismo e a pluralidade. A pós-modernidade nega a materialidade como definição daquilo que de fato é o real, mas atribui a realidade ao sentido que os sujeitos podem dar às coisas.

Situação 2

Juízo preconcebido de uma pessoa com orientação sexual diferente.

Na saída da escola:

- Dona Luísa, a professora nova da turma do Gui é meio diferente... Ela é casada com outra mulher... Acho melhor a senhora trocar ele de turma ou de escola. Eu já estou providenciando isso para a minha filha Gio.

Situação 3

Frases típicas: “lugar de mulher é...”

Em uma aula:

- Crianças, vocês agora podem desenhar pessoas em profissões muito importantes para a nossa cidade.

Depois do desenho a professora nota que as profissões mais desenhadas eram policiais, bombeiros, médicos e advogados. E mais um detalhe: todas as crianças desenham homens nessas profissões.

Estas três situações não são a exceção que confirma a regra, isto é, são situações do cotidiano escolar e das salas de aula. Por isso é preciso dar importância e destacar nas falas e reconhecer nelas que o aluno traz conteúdo quando se expressa. Ao abordar o porquê dos modos de pensar na escola ou ambiente escolar, se pode identificar causa-efeito daquilo que é proposto e trazido no conhecimento prévio do aluno.

Desconhecer esta realidade parece ser comum entre aqueles que exercem a docência.

Muitos educadores, hoje, utilizam material extremamente infantil para o ensino da alfabetização desta modalidade, não levando em consideração a questão dos conhecimentos prévios destes alunos, e nem mesmo instigando suas capacidades intelectuais de aprendizagem. Os jovens e adultos, ao serem levados a pensarem em si mesmos como sujeitos do ensino e aprendizagem (pois, como disse Paulo Freire -1996-: *Não há docência sem discência*), e sujeitos participantes de seu âmbito escolar nas questões de políticas e gestão, terão consciência de suas

habilidades intelectuais e buscarão aprender de forma efetiva utilizando seus saberes prévios nesta construção.

Um dos artigos a ser, utilizados para focar nesta linha de raciocínio foi “O Pensar Educação Em Paulo Freire Para uma Pedagogia de Mudanças” de Sandra Cristina Schram e Marco Antonio Batista Carvalho, que fala sobre importância da atuação do aluno no próprio aprendizado na educação e ressalta a importância que essa atuação representa para o aluno. O trabalho destes autores é uma análise dos principais pontos de vista de Paulo freire sobre a educação, e sobre a cultura como veículo para a Educação de Jovens e Adultos. Neste artigo os autores analisam ideias pertinentes para quem pensa educação sob a ideia de Liberdade de expressão. Este artigo traz a ideia de que o aluno tendo a liberdade de desenvolver, debater, dividir as suas ideologias em um debate ou contribuição em uma sala de aula, o mesmo vai se sentir parte daquele meio e não apenas um mero “visitante”.

Outro artigo que será utilizado como subsídio é o texto “Práticas cotidianas na docência dos professores do Ensino Médio na EJA: reflexões sobre o processo de legitimação dos saberes” dos autores Patrícia Mendes Rodrigues (Bolsista IC), Karin Koenig (Colaboradora), Maria Fani Scheibel (Coordenadora) Silvana Lehenbauer (Orientadora) da Universidade Luterana do Brasil – Campus Canoas – Curso de Pedagogia. Este artigo traz a ideia central de metodologias de ensino na EJA, mesmo este artigo sendo trabalhado na etapa do ensino médio, utilizaremos outros pontos, já que estaremos conversando sobre a EJA no Ensino Fundamental, legitimação dos saberes dos alunos e a questão da aprendizagem, utilizando o que a aluno tem de bagagem de vida cotidiana e vivência.

Minhas perguntas de pesquisa tem a ver com duas dimensões:

Filosófico/Pedagógico: Como valorizar a diferença e a diversidade em sala de aula com um conteúdo homogeneizado?

Medotológico/operacional: As metodologia de ensino com ênfase na questão da Liberdade de Expressão e vivências dos alunos da EJA (ensino fundamental) atuam como veículo para a aprendizagem dos mesmos?

Neste trabalho foram utilizadas como referências as obras de Paulo Freire⁸ que abordam a Liberdade de Expressão como proposta de uma metodologia de educação eficiente para efetivar a aprendizagem. Nelas o autor, de diferentes maneiras, enfatiza um olhar significativo sobre as possibilidades e saberes do educando, o respeitando e produzindo um tencionamento proposto pelo conhecer. Coloca também que a troca deve ser colocada como algo fundamental na construção de saberes.

Esse o trabalho de conclusão buscou, principalmente, identificar aqueles elementos da prática docente que articula conteúdo com as vivências e saberes daquele que aprende. Entretanto, este aluno não é um aluno abstrato, não participa de uma relação de aprendizagem abstrata. Esta relação se dá em um espaço social concreto, em uma escola concreta que precisa se explicitada, até porque não é a proposta deste trabalho que os alunos e nem mesmo da EJA que os alunos sejam mobilizados a estudarem as culturas, religiões e políticas/partidos existentes.

No capítulo que segue buscamos construir este cenário no qual as possibilidades do dizer se explicitam, visto que liberdade de expressão não é mantra de uma pedagogia diferenciada. Liberdade de expressão precisa se entendida como capacidade do docente que, sem renunciar à diversificação, consegue que todos seus alunos tenham acesso a essa cultura e dela se apropriem.

Capítulo 1- Na contemporaneidade as possibilidades do dizer se confundem quando se pensa educação de Adultos?

Podemos iniciar este capítulo com a questão: O que nos constrói como sujeitos? Quais são nossas vivências nesta sociedade e quais são as nossas possibilidades de mudar ou aceitar nossa individualidade frente a controvérsia da desconstrução e aceitação social?

⁸“A Pedagogia da Autonomia (1996)”, “A Pedagogia do Oprimido (1987)”, “Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos (1975)”, “A Pedagogia da Tolerância (1921-1977 -Organização Ana Maria Araújo Freire).

O termo **Liberdade**, nos traz muitos caminhos para estudo e análise. Podemos recorrer ao conceito de liberdade e encontrar pontos que caracterizam-se distintamente e, ao mesmo tempo, auxiliam no desdobramento de muitas outras ideias, definições e reflexões sobre ele. Podemos perceber que uma linha de pensamento do conceito de liberdade remete à ideia de agir de acordo com a sua livre vontade, desde que esta vontade e direito não prejudique a liberdade e direitos alheios. Outro rumo que o conceito de liberdade toma, aponta para a ideia de o ser humano não depender de alguém para ser livre, o qual engloba relação com os conceitos de ousadia e espontaneidade.

Entretanto, mesmo em uma sociedade na qual exista a Liberdade de Expressão, tem-se limitações em alguns aspectos da Liberdade que são protegidos por lei para que não sejam colocados em risco a segurança e a dignidade de outros. Por exemplo: Não se pode fazer promoção à discriminação racial, não se pode fazer apologia à violência, não se pode fazer apologia à guerras, ao ódio, à crimes... etc... E este pensamento também se relaciona, e muito, com a educação, pois as ideias e atitudes que ferem os direitos de outrem devem ser discutidos e trabalhados em sala de aula, juntamente e em conjunto entre educadores e educandos para que haja um reflexo de liberdade com enlace na tolerância através de manifestação de pensamentos em uma sociedade coletiva e igualitária em direitos.

No entanto, pensando a Liberdade como tema fundamental para a Educação, a proposta deste trabalho analisará o conceito de liberdade em um sentido lido pelos olhos da filosofia, o qual trata da Liberdade como expressão de autonomia do sujeito e refere-se ao seu direito de colocar-se favorável ou contra, e, ainda, ao direito de não colocar-se também. Este olhar para o conceito de liberdade é de suma importância para a educação. Será a Liberdade de Expressão utopia em nossas salas de aula? Ou seja, a ideia da liberdade como algo que existe apenas no conceito, mas não realmente? Portanto, quero abordar o Tema da Liberdade de expressão para poder perceber se há, de fato, o uso da mesma nas metodologias de ensino e se ela é usada com efeito nas salas de aula e planejamentos ou apenas é uma ideia ou “enfeite” educacional.

Levando em consideração o termo **Expressão**, somos levados a pensar na manifestação de ideias e opiniões através de palavras e ações. Esse conceito adentra muito ao senso de liberalidade da fala e exposição de ideias que cercam a cultura e constroem o sujeito como parte integrante e participativa da sociedade. A expressão não apenas comporta a ideia de manifestar-se e colocar-se, mas também de sentir, de saber, de ser visto e considerado. A expressão se dá de muitas e diferentes formas, fazendo com que as diferenças entre sujeitos e seus pares em um mesmo ambiente se mostrem e se enlacem de forma a se completarem e fazerem com que se construa um ambiente de trocas de saberes e prática de tolerância entre indivíduos do mesmo e/ou outros espaços.

Um aspecto interessantíssimo da Liberdade de Expressão, que é imprescindível à manifestação de pensamento, é a tolerância, que se faz de extrema importância, tanto para o educando quanto para o educador. A tolerância para com as diferentes culturas em sala de aula deve ser recíproca entre professor e aluno, e entre aluno e aluno, e entre aluno e sociedade. Muito se deve trabalhar e sustentar a ideia de que o aluno faz parte da sociedade e deve lutar pelo direito de liberdade de expressão da mesma.

"É necessário educar as novas gerações na convivência, no respeito e na tolerância entre pessoas de diferentes culturas. A educação em seus diversos graus e formas, tanto formal, não-formal como informal, é chamada a desempenhar um papel relevante na preparação para a diversidade e, sobretudo, na prevenção da intolerância."
(SERRANO, Gloria Pérez- Educação em Valores Como Educar para para a Democracia. 2002)

Relacionando Liberdade e Expressão, que são a Autonomia e a Manifestação, podemos perceber que uma se reflete na outra e que uma não faz sentido sem a outra. Como manifestar e colocar meus saberes se não tenho autonomia? E para quê obter autonomia se não posso e não tenho como manifestá-la? Sim, são questões que rodeiam e refletem com demasiada importância a esfera social e educacional, e na prática dos educadores. Pensando a Educação, de adultos especificamente, podemos perceber ainda mais a importância da liberdade de expressão por meio das possibilidades oferecidas para este aluno que traz sua bagagem cheia de vivências e saberes. Para pensarmos a Liberdade de Expressão

no sentido de valorização dos saberes prévios em relação aos conteúdos escolares, precisamos, como educadores, olhar além daquelas vivências sociais que nos parecem óbvias. Precisamos saber quem é o nosso sujeito, o qual está adentrando nossa sala de aula.

A Liberdade de Expressão encontra-se em um contexto atual que, mesmo nesta época de grandes inovações e pensamentos, não sabemos se a mesma é fato nas metodologias de ensino, ou apenas utopia. Podemos pensar dessa forma em uma sociedade que ainda tem um olhar de favoritismo em relação ao saber do professor e ideias de que só existe aprendizagem em ambiente escolar. Pensando como professores e, logo, também aprendizes que somos, podemos perceber que tantos outros educadores aprenderam, em sua formação, a considerar a importância e riqueza das aprendizagens prévias dos alunos em relação aos conteúdos, que é de se admirar que ainda hoje existam educadores que não dão a devida importância para estes sujeitos e seus saberes.

Mas então, qual a relação entre a Liberdade de Expressão e a Educação propriamente dita? Podemos analisar do viés democrático, no qual a educação e respeito à liberdade devem ser instigados e analisados juntamente com os alunos e educadores para promoção à tolerância às diferentes culturas tanto em sala de aula (que será o nosso foco maior) quanto sujeitos atuantes para uma sociedade livre de preconceitos. Podemos, como educadores, pensar no conceito de Liberdade de Expressão como sendo fundamental para a democracia atual na educação e sociedade. De acordo com Serrano (2002):

"A educação multicultural e intercultural converteu-se em um dos temas prioritários no mundo sociopolítico, com uma grande incidência no mundo educativo. Partimos do pressuposto de que, se desejamos conhecer bem nossa cultura e potencializar nossa identidade precisamos abrir-nos para realidades diferentes. Uma das maneiras mais válidas de conhecer a si mesmo consiste em conhecer as culturas dos demais, já que isso nos obriga a prestar atenção a certos detalhes da vida que a diferenciam da própria. Por outro lado, as sociedades atuais são pluralistas, nelas existe uma grande diversidade. [...] Os sistemas educacionais, em geral, tenderam a ignorar a identidade das minorias. Seu objetivo era integrar-se na cultura comum. Essa tendência foi sendo substituída desde a segunda metade do século XX por outra, chamada de educação multicultural, que reconhece o direito das minorias a que o sistema educativo as leve em conta."
(SERRANO, Gloria Pérez- Educação em Valores Como Educar para para a Democracia.2002)

Paulo Freire (1921-1977), no livro *Pedagogia da Tolerância*, propõe que respeitar os saberes do outro é tão importante quanto ser a si próprio respeitado. Freire afirma que para a prática da tolerância, o sujeito não precisa concordar com tudo e com toda a opinião do outro, mas deve o respeitar a maneira de ser e agir de outros, seja no ambiente escolar ou em qualquer outro ambiente. Ainda afirma que, em todas as coisas, aprendemos com o diferente.

Então, para concluir, A Liberdade de Expressão é fundamental para a Educação pois, é neste contexto que o aluno pode apreciar-se como sujeito. Todas as culturas trazem aspectos a serem cultivados e valorizados dentro de uma sociedade e é dentro de um ambiente escolar que estas se encontram em sua maioria para promoção da tolerância, através da aceitação das demandas presentes em cada indivíduo. Quando se fala em liberdade, pensa-se em direito e em autonomia para se fazer e pensar. Na educação essa ideia torna-se imprescindível, pois o aprendizado ocorre nas relações cotidianas e entre sujeitos. Podemos perceber que existe base na Liberdade de Expressão como fato nas metodologias de ensino, levando em consideração sua importância na sociedade.

Na educação de adultos deve-se dar primazia aos respeito às bagagens culturais e temporais, pois a prática da cidadania democrática se coloca juntamente com o respeito à vida e aprendizagens dos alunos.

No seguinte capítulo, vamos perceber o que a Liberdade de Expressão pode implicar no conhecimento e na prática pedagógica. E como podemos, como educadores, permitir que o aluno em nossa sala de aula seja impelido para exercer sua autonomia em uma sociedade que já o vê pronto e já rotulado.

Capítulo 2- Prática Pedagógica - Conhecimento e Liberdade de Expressão

Quando contemplamos a estrutura educacional em seus vários campos, podemos perceber que existem muitos pontos, como metodologias, atendimento personalizado (cada aluno com um ritmo diferente de aprendizagem), atendimento à

demanda cultural em sala de aula entre outros, que devem ser analisados com cautela e atenção pelo educador. Quando o educador se autoavalia com a ideia de ser, também, aprendiz daquele espaço aprendendo com e sobre o perfil de cada aluno ali participante, e, antes mesmo de haver feito a avaliação do mesmo, ele pode ter uma percepção de que é necessário um pensamento ponderado/atento sobre o aluno crescer a partir do próprio conhecimento, não o comparando com os outros, mas o instigando a ser melhor por si e para si mesmo.

Ao pensarmos a Educação de Adultos no Brasil, deve-se levar em consideração que estes alunos não estão iniciando suas aprendizagens e nem adquirindo recentemente seus conhecimentos. Existe uma infinidade de aprendizagens anteriores para que possa haver uma conversa entre o que o aluno traz e o que o professor tem para enlace entre teoria e prática pedagógica. Como educadores, podemos perceber e analisar a práxis docente de alta valia para o aluno, isso implica, não só no que fazemos, mas em como e para quê é feito. Sim, pois a práxis se dá quando a prática docente faz parte daquela vida ou daquele indivíduo, e também se o aluno é instigado a experimentar suas aprendizagens fora de sua sala de aula para uma continuação de suas aprendizagens.

Segundo Paulo Freire (1996), no livro “Pedagogia da Autonomia”, o aprendiz de educador deve pensar sua prática docente a partir do pensar do seu aluno, do escolar que precede às salas de aula. Este pensamento deve acontecer em conjunto, juntamente, entre professor e aluno. O pensar certo juntos é um presente, tanto para o escolar quanto para o educador. Ele afirma, já em seu título, que para ensinar, se exige reflexão crítica sobre a prática. Para Freire (1996), “a prática docente crítica, implicante no pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

Quando se pensa Educação de adultos, se envolve muito mais que uma ideia sobre uma modalidade de ensino, envolve-se valorização especial sobre o docente. A ideia de autonomia relacionada, e sendo parte da Liberdade de Expressão, coloca em evidência o pensamento de respeito, o qual deve o educador ter pelo educando, assim como por ele mesmo. Freire (1996), ainda coloca que o educador deve respeitar as curiosidades, gostos, inquietudes e, tudo mais que constrói o sujeito

atuante em uma sociedade. Um pensamento interessante de Paulo Freire ainda neste capítulo, é que:

“O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que ‘ele se ponha em seu lugar’ ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.”

(FREIRE, Paulo- Pedagogia da Autonomia, 1996)

A Liberdade de Expressão, como viés pedagógico para compor esta ideia de valorização, é de extrema importância pois retrata de forma sublime o que diz respeito às demandas culturais e temporais dentro de um ambiente escolar. O aluno deve se sentir seguro dentro de sua esfera cultural, pois é isso que o faz ser o que é, e indubitavelmente o que virá a se tornar devido construções posteriores.

Esta liberdade está intimamente ligada ao modo que são aplicadas as metodologias de ensino, pois é nestas que o educador mostra o quanto ele dá (ou não) autonomia para seus alunos participarem efetivamente colocando seus saberes como ferramenta para articulação entre teoria e prática. Nos tempos de hoje, devido os prazos de entrega de planejamentos e projetos e, também, o fato de que o educador tem “metas” a alcançar, vencer conteúdos, etc..., parece que o princípio da liberdade de expressão se apresenta em segundo plano, “se der tempo”. A Liberdade de Expressão traz consigo reforços sobre a tolerância, a autonomia e sobre a valorização das culturas, tudo isto é imprescindível dentro de um ambiente escolar para que haja uma troca de saberes e posteriores construções (a ideia de construção posterior que reforço aqui é que os alunos podem pensar suas construções, valorizar as construções culturais de outros e assim construir, em si mesmos, a tolerância e respeito às outras pessoas).

A educação de adultos deve ser tomada por seus responsáveis -os educadores-, como uma prática importante e cheia de desafios. Desafios de ensino e aprendizagem. Desafios de libertar e trocar. Desafios de tomar a posição do aluno como importante e parte, e não tomá-la como um acontecimento qualquer. Paulo

Freire, coloca sua posição no tocante à esta ideia de intimidade com a Educação de Jovens e Adultos como uma práxis que exprime uma contemplação além do olhar costumeiro, mas uma contemplação apurada e cuidadosa no tocante às possibilidades adquiridas pelos escolares. O aluno da EJA, analfabeto, já vem pronto para a sociedade, já vem pronto para ser julgado, seus saberes não são interessantes e suas bagagens terão de ser deixadas e sua liberdade de expressão é utopia. É dever do educador colocar este educando em posição de autor de seu pensamento no tocante aos saberes.

"Em uma perspectiva menos rigorosa, simplista, menos crítica, tecnicista, se diria que é uma perda de tempo refletir sobre estes pontos e se acrescentaria que a discussão em torno do conceito de marginalidade é um exercício acadêmico desnecessário. Na verdade, não é assim. Aceitando-se os analfabetos como homens e mulheres à margem da sociedade, sem compreendê-los como classe dominada, termina-se por tomá-los como homens e mulheres 'enfermos' para quem o 'remédio' seria a alfabetização que permitiria seu regresso à estrutura 'saudável' de que se encontram separados."

(FREIRE, Paulo- Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos- 1975)

Concluindo, a Liberdade de Expressão comporta muitos caminhos para o educador, quanto à sua prática docente. Tem em suas mãos possibilidades de fazer com que o aluno possa garantir seus direitos de exprimir opinião em uma sociedade que já o vê "pronto" e não com rendimentos e capacidade. Ao aluno, é importante haver trocas entre seus saberes e saberes dos educadores, e oportunidades para fazer valer suas opiniões e saberes trazidos para a sala de aula.

A proposta do próximo capítulo volta-se à questão histórica da EJA, com os pensamentos relacionados as propostas pedagógicas anteriormente aplicadas. Poderemos relacionar quais eram as prioridades nesta modalidade de ensino anteriormente e também hoje e sua relação com a Liberdade de Expressão.

Capítulo 3 - No Retrospecto Histórico da EJA que a Pedagogia se Apresenta.

Pensando a educação, percebemos seu direcionamento somente às crianças em seus primórdios. Na época da colonização (a partir de 1500), então o ensino

poderia ser colocado à disposição dos adultos indígenas, pois os colonizadores portugueses fariam impor sua cultura entre este povo, aqui no Brasil.

De 1545 até 1760⁹, podemos perceber os períodos em que a educação era quase totalmente catequizadora e introdutória na questão cultural. Especificamente com a chegada do período pombalino, em 1760, primeiramente a educação fica em estagnação e após (1764) decreta-se o ensino público e também o laicismo no país, referente a educação e seus ensinamentos. Com a chegada da família real ao Brasil (por volta de 1770), pode-se notar que a educação, que já estava precarizada, devido suas mudanças e decretos, passou a ser oportunizada apenas a quem tinha o poder em suas mãos. Então os que eram adultos não escolarizados, ou filhos de operários deveriam se conformar com a ideia de que não teriam chances de serem alfabetizados.

Podemos notar a partir desta parte da história, que a Liberdade de Expressão no processo educacional era tratado de forma indiferente, pois no momento em que se foca um processo público, sem levar em consideração os indivíduos que acompanham este processo e fazem parte do mesmo, não se valoriza os processos de aprendizagem por parte do educando.

Depois da Proclamação da Independência, em 1822, as políticas educacionais passaram a ser vistas com alguma atenção. Mas ainda a Liberdade de Expressão na educação de Adultos não fazia parte das metodologias de ensino. Em 1824 instituiu-se a primeira Constituição Brasileira, que trazia consigo medidas que reformavam a educação. A partir desta década que vemos imergir o início dos graus de instrução, tais como: Escolas primárias, Ginásios e Academias. Já em 1890, acontece uma reforma muito interessante na educação através de Benjamim Constant contando com os princípios de liberdade na educação juntamente com

⁹Fontes: Site eBah, **Processo educativo no contexto histórico: cronologia da educação**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAaZEAD/processo-educativo-no-contexto-historico-cronologia-educacao>. Acesso: 30 de Junho de 2017.

SANTOS, Néri Antonio dos. **História da Educação**. Disponível em : http://www.atividadeseducativas.com.br/pedagogia/1sem_trabalho3.doc Acesso: 30 de Junho de 2017.

WIKIPÉDIA. **História do ensino brasileiro**. Disponível em:

< http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_ensino_brasileiro > Acesso: 30 de Junho de 2017.

autonomia, através também da laicidade e gratuidade da escola primária. Mas podemos analisar, também, que nesta época, a educação de jovens e adultos não era prioridade para pensar as metodologias de ensino.

Alguns anos mais tarde, em 1920, a educação que era destinada apenas à elite brasileira entra numa crise que acontece na descentralização pela Constituição de 1891. Em 1934, a Terceira constituição estabelece uma parte especial sobre a educação juntamente com pontos importantes sobre a mesma, onde incluía educação obrigatória e gratuita de jovens e adultos. Ainda incluía o ensino religioso facultativo, onde se respeitava a crença do aluno e a liberdade de ensino.

Segundo Ceratti (2007), quando se pensa a educação de adultos aqui no Brasil, por volta de 1940, podemos perceber que a percepção da relação entre adultos e educação tinha/tem um viés classificatório. A população era classificada em alfabetizados e não-alfabetizados. Analisando alguns pontos sobre a educação, hoje, podemos notar que os jovens e adultos são vistos como aqueles que trabalham e produzem e não aqueles que frequentam instituições de ensino para obter aprendizado. Observando as decorrências do tempo, percebemos que as políticas públicas de educação de jovens e adultos tem trazido um olhar sobre essa (re)introdução à educação. Notamos que as reformas educativas focavam a questão de qualificação da mão de obra e não em uma educação para atuação em uma sociedade. O adulto, na década de 1950, sem escolaridade era privado do direito ao voto, mas após a proposta de alfabetização de adultos, o mesmo passou a ser visto como eleitor, de fato. A homogeneidade desse grupo na sociedade era normalmente vista cotidianamente, pois o aluno adulto era colocado de forma a somente aprender a ler e escrever, não se tornando alvo de preocupações quais as metodologias eficientes para valorização. Até este momento, o ambiente escolar não se adequaria a sua vida cotidiana e bagagem cultural, os jovens e adultos teriam que aprender a lidar com o ambiente escolar e se adaptar a ele de forma a sentir-se parte do mesmo.

“[...] Compreendemos que o conceito de integração pode ser entendido como sinônimo de homogeneização territorial, cultural e política, e ao mesmo tempo, pode ser compreendido como sinal e possibilidade de enraizamento do homem em seu tempo transitório, para as mudanças possíveis de serem feitas e também possíveis para afirmar a construção

dinâmica de sua identidade nos seus vários tempos e em seus mais variados espaços. Evidencia-se assim, a existência de um conflito na constatação da especificidade natural – social, cultural, política e econômica – dos vários espaços, locais onde se constroem e se definem a vida dos e pelos sujeitos, em que a condição para seu reconhecimento e afirmação enquanto tais, é o de estar organicamente integrados, enraizados ao seu cotidiano, ao seu habitat, entendendo este último não apenas como os limites da localidade em que vive, mas dimensionando-a para toda a sua nação; em contraposição à forçosa necessidade de integração a partir dos interesses de uma elite, grupo ou classe social, despersonalizando estas especificidades e diversidades, omitindo, massificando e personalizando-as em um “projeto único de sociedade”, justificado pela sua constante e premente perspectiva de modernização.”
(AMARAL, Wagner Roberto- Políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Conceito e Contextos.)

Ainda, segundo Ceratti (2007), partir de 1960 Paulo Freire faz com que se desenvolva suas ideias e práticas chamadas ‘sistemáticas’ para que houvesse possibilidade de os alunos obterem o aprendizado e alfabetização, o país se encontrava em uma situação onde se pensava que o analfabetismo era resultado da realidade das desigualdades sociais e da porcentagem pobre do povo brasileiro.

Ao contemplarmos o conceito da Liberdade de Expressão na esfera educacional, podemos notar que é necessário um meio competente de introduzi-lo na vida cotidiana dos alunos da EJA, pois esses estudantes tem potencial de aprendizagem e formam-se de trajetórias particulares e diárias. Um pensamento muito interessante de Paulo Freire é que a educação não deve se mostrar como algo já pronto e apenas ser recebido pelo aluno, mas sim de forma que o aluno se estabeleça e se perceba como participante de um espaço onde ele possa ser valorizado e se fazer valorizar, criando-se e recriando-se a medida que agrega conhecimentos para sua construção. Para Freire, a alfabetização deveria partir de situações cotidianas concretas, para então se tornarem reais por meio da conversa e diálogos.

Como era importante para Paulo Freire a questão de valorização e diálogos, podemos perceber que, ainda hoje, para nós educadores, deve ser de extrema importância esse processo da contribuição do aluno dentro de sala de aula. Do viés democrático, podemos analisar que as metodologias de ensino que não utilizam a

Liberdade de Expressão, juntamente com a questão da valorização dos conhecimentos prévios, vão contra toda a luta pela democracia ao longo da história, pois se dentro do ambiente escolar (que é um dos lugares onde se educa para viver em sociedade) o aluno não tiver o direito de exprimir opinião, conviver com opiniões divergentes e aprender a promover a tolerância, então a sua passagem dentro da sala de aula não passa de uma perda de tempo.

A Constituição Federal de 1988 mostra o início mais preciso das políticas educacionais que se referem à EJA.

A Educação de Jovens e Adultos era destinada às pessoas que não haviam tido oportunidade de estudo na época que era considerada certa. Em 1980 Paulo Freire começa a introduzir suas metodologias de ensino e aprendizagem nesta modalidade de ensino.

“No período compreendido entre 1981 e 1986, 48% das crianças entre 10 e 14 anos tiveram acesso à escola contudo permaneciam nela apenas durante três anos ou menos. E dentre os de 15 a 17 anos, só 8,3%, tinham nove anos ou mais de escolarização. Segundo Haddad e Di Pierro (2000), uma avaliação dos anos 80 revela um quadro significativo na EJA, no entanto, a queda nas taxas de analfabetismo no período de 1980-1991 foi modesta.”

(CERATTI, Márcia Rodrigues Neves- Políticas Públicas para a Educação de Jovens e Adultos.)

Em meados de 1970¹⁰, cria-se o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), onde a alfabetização de adultos era o intuito maior do programa com o objetivo de integrar os adultos não alfabetizados à sociedade. Foi muito criticado no viés pedagógico, pois o focava somente o ler e escrever e nada tinha a ver com o procurar formar para a convivência em sociedade. Em 1985 o MOBRAL foi substituído pelo Projeto Educar que passou a ver a educação como um processo

¹⁰Fonte: Ainda do Site eBah, **Processo educativo no contexto histórico: cronologia da educação**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAaZEAD/processo-educativo-no-contexto-historico-cronologia-educacao>. Acesso: 30 de Junho de 2017.

SANTOS, Néri Antonio dos. **História da Educação**. Disponível em : http://www.atividadeseducativas.com.br/pedagogia/1sem_trabalho3.doc Acesso: 30 de Junho de 2017.

WIKIPÉDIA. **História do ensino brasileiro**. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_ensino_brasileiro> Acesso: 30 de Junho de 2017.

operacional, proporcionando bolsas de estudo para alunos de baixa renda, que apresentassem bom rendimento escolar.

Indo mais além do tempo, podemos perceber que a partir de 1996, na LDB são mudadas as etapas de ensino, chamando-se: Básico, Fundamental, Médio e Superior. E também passa a se exigir o curso superior ao se contratar professores.

A partir desta data, muitos projetos foram criados para dar base e sustentação para a educação de Jovens e Adultos, porém percebemos que ao longo da história a concepção de uma educação libertadora quase desaparece em meio a tantas outras preocupações e objetivos.

No próximo capítulo, vamos analisar a situação atual da educação no Brasil. Perceberemos se a Liberdade de Expressão, tão pregada em nossas universidades, é de fato trabalhada e permitida dentro de nossas salas de aula. A educação libertadora está de fato acontecendo nos tempos atuais?

Capítulo 4- Estudo de caso sobre a Liberdade de Expressão em Escola Municipal de Porto Alegre.

4.1- Apresentação da Escola:

A escola na qual foi realizada a entrevista para concepção da Liberdade de Expressão foi a escola XXX.

Esta escola atende estudantes da modalidade EJA.

De acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola, a mesma busca “romper com as dicotomias educação/cultura e educação/trabalho, permitindo assim um campo de oportunidades que atenda às demandas da comunidade e garanta o direito à educação em uma sociedade multicultural, sem esquecer da importância do mundo do trabalho, oferecendo, portanto, a possibilidade de experimentação e de formação profissional.”(PPP, pág.4- *INTRODUÇÃO: CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES PAULO FREIRE*).

A escola atende cerca de 900 alunos atualmente. Os alunos foram escolhidos mediante a etapa da EJA em que se encontravam. Os alunos das séries iniciais da EJA eram meu foco. Os educadores foram escolhidos pela escola.

4.2- Entrevistas e Análises das entrevistas

Análise questão 1:

Quadro 1. Comparativo de Percepção dos Alunos e Professores sobre Temas em Sala de Aula.

| Pergunta 1. Alunos: Como teus professores fazem com que penses sobre religião, cultura e política na sala de aula? Como que você expressa isso em sala de aula? | Pergunta 1. Professores: De que modo teus alunos são estimulados a falar sobre cultura, religião e política em sala de aula? |
|--|---|
| A1- Ah... eu me expesso normal... Só eles falam , mas a gente opina também. | P1. A gente procura trazer sempre... principalmente as notícias que estão sendo discutidas na atualidade, né? Seja jornal, seja mídia oral, rádio... Por que, principalmente o pessoal mais velho eles tem o hábito de escutar muito rádio. Então a gente procura trazer isso em forma de texto escrito pra que a gente possa tá fazendo a discussão , né? Dos assuntos do momento. |
| A2- Ah... eles conversam, falam das culturas , de política, do... do... eles falam, eles fazem... essas coisas... falam de política e cultura com os alunos. | P2. Esses três temas... eles... entram quando tem a ver alguma coisa com o planejamento. Com... se tá sendo trabalhado alguma temática que envolve esses três temas, o... a fala sobre isso, ela é natural, ela... acontece. Então, de forma bem sintética, o estímulo se dá se ele tá dentro do planejamento , se ele tá contextualizado e se... a temática que tá sendo trabalhada implica em 'tá' discutindo estas questões. |
| A3- Mais ou menos assim... quando aparece coisa de pergunta... assim, eles vem... às vezes perguntam pra mim, e eu respondo da maneira que é. | - |
| A4- Eles falam sobre tudo... tipo... | - |

| | |
|---|--|
| sobre política... sobre o que eles fazem lá dentro... e tudo... normal. | |
|---|--|

Fonte: Entrevista Realizada em 22/06/2017 em CMET Paulo Freire

Quadro Síntese:

| |
|---|
| <p>Percebe-se no discurso das entrevistas a seguir: Para os alunos quem define o que pensar são os professores. E para os professores, a temática de discussões m sentido quando no planejamento.</p> |
|---|

Ao analisarmos o livro de Paulo Freire “A Pedagogia do Oprimido”(1987), podemos perceber que a educação libertadora é aquela que permite ao aluno a liberdade de expressão em ambiente escolar, juntamente com o pensamento crítico. É fundamental que o aluno perceba que ele é o principal elemento do ensino (retomando a frase de Freire: “Não há docência sem discência”). Através do quadro 1, podemos analisar esta questão da seguinte forma: Embora a proposta da escola seja voltada para a liberdade de expressão (PPP, página 15, Fundamentos), podemos notar que nem sempre a questão da igualdade de tratamento perante os alunos se evidencia na discussão dos temas (Vide Pergunta 1, resposta P2). Percebemos que os alunos tem a possibilidade de falar, segundo suas respostas, mas que suas falas se dão de acordo com momentos estabelecidos, em momentos específicos *“Mais ou menos assim... quando aparece coisa de pergunta... assim, eles vem... às vezes perguntam pra mim, e eu respondo da maneira que é. Eles perguntam e cada pessoa vem e fala. Um pouquinho ao seu tempo... Conforme querem saber assim...”* (Pergunta1, Resposta A3).

A questão do planejamento é muito importante para a organização e esquematização do conteúdo, porém não precisamos, como educadores, estar presos somente à este esquema. Devemos nos adequar ao que o aluno precisa, ao que o aluno passa para que possamos nos mostrar mais afetivos, e que os alunos possam ver em nós educadores a mão ajudadora que ele necessita.

“Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar- se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem

domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.”
(FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido, pág.45, 1987)

Nesse contexto, Paulo Freire afirma que o amor é dialógico, ou seja, nele existe liberdade. Na educação, o educador deve se mostrar fonte de amor e liberdade. Pois o aluno deve se sentir livre em um espaço que exista uma organização feita para ele (planejamento), porém que ele possa participar desta organização para que a aprendizagem seja efetiva.

Sendo assim, podemos concluir que nesta perspectiva a liberdade de expressão em sala de aula se dá de forma sistêmica e organizacional, em um momento determinado, em um momento “adequado” para tais falas. Em seu livro “Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos”(1975), Paulo Freire coloca que é importante que os educadores atentem às metodologias de alfabetização/educação pois é interessante que os alunos participem de sua aplicação. Essa pergunta inicial da entrevista alerta para a questão da “abertura” para a interação entre professor e aluno de acordo com as questões que o aluno apresenta em sua trajetória diária e de acordo com que ele pode contribuir. É interessante notar que a resposta do P2 à pergunta nº1, é muito ligada a questão do tema/assunto entrar no planejamento ou não para ser discutido. Podemos analisar que é fundamental, e que o aluno se sente à vontade quando lhe é permitido participar.

Análise questão 2:

Quadro 2. Comparativo de Percepção de Alunos e Professores sobre a Manifestação de Saberes.

| | |
|---|--|
| Pergunta 2. Alunos: De que modo teu professor busca a manifestação dos saberes dos alunos (do que tu já conhece)? | Pergunta 2. Professores: De que modo você busca a manifestação dos saberes dos alunos? |
| A1- Eles procuram interagir com a | P1- Quando a gente explora, |

| | |
|---|---|
| gente, sabe? | principalmente, os assuntos da atualidade, a gente já consegue fazer este resgate cultural deles, né? E automaticamente outros conhecimentos que eles tenham. Então a gente trabalha muito com a expressão oral deles, tá? Com... com a possibilidade de eles realmente trazerem, não só o que eles conhecem, como o que eles gostariam de conhecer. |
| A2- Eles perguntam umas coisas e os alunos respondem. | P2- Ah... bem simples. Tudo depende do planejamento: o planejamento que tá sendo desenvolvido, a temática que tá sendo trabalhada. O fio condutor que vai levar o trabalho. E se estimula no sentido de eles contribuírem com suas aprendizagens pessoais através da oralidade, através da escrita, através da interpretação. Tudo tem a ver conforme, como tá sendo feito o planejamento. |
| A3- Eles perguntam e cada pessoa vem e fala. Um pouquinho ao seu tempo... Conforme querem saber assim... | - |
| A4- Não quis responder. | - |

Fonte: Entrevista Realizada em 22/06/2017 em CMET Paulo Freire

Quadro Síntese:

Percebe-se no discurso dos entrevistados que:
 Para os alunos a manifestação dos saberes se dá a partir de uma pergunta e não de forma espontânea.
 Para os professores, essa pergunta é feita quando a temática está no planejamento ou em uma atividade.

Pensando ainda a relação da liberdade com e educação, podemos ter a ideia de que, uma não é independente da outra. Uma não se faz sem a outra. A busca pela manifestação cultural do educando pode significar muito para que o mesmo tenha a percepção de que pode efetuar muito dentro da sala de aula. A questão nº2 apresenta aspectos relacionados à prática docente e o seu recebimento por parte do aluno. As respostas apontam muito mais para uma questão de métodos(perguntas e respostas) do que para um pedagogia ativa. Embora em uma mesma escola, exista

uma variedade de educadores, educandos, metodologias, etc..., podemos perceber que ainda um único modelo persiste em fazer morada dentro da comunidade escolar: O tradicional, onde o professor pergunta e o aluno responde. Onde existe a dependência do professor de um esquema para trazer determinados assuntos para dentro da sala de aula, e proporcionar falas para efetivação da aprendizagem.

Nesta questão, podemos, além de relacionar as respostas dos alunos com as dos professores, podemos destacar um descompasso nas respostas dos professores, pois podemos perceber uma diferença entre suas metodologias de ensino. É uma diferença relacionada à princípios: Uma trabalha com o grupo e a outra vai depender do planejamento e “engessa” um possível diálogo dentro do espaço dos educandos: *“Ah... bem simples. Tudo depende do planejamento: o planejamento que tá sendo desenvolvido, a temática que tá sendo trabalhada. O fio condutor que vai levar o trabalho.”* (Pergunta2, Resposta P2).

No tocante à estas questões de metodologias e propostas, Paulo Freire (1975) afirma que:

“A alfabetização se faz, então, um que fazer global, que envolve os alfabetizados em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este que fazer global, fundado na prática social dos alfabetizados, contribui para que estes se assumam como seres do que fazer – da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho, criam o seu mundo. Este mundo, criado pela transformação do mundo que não criaram e que constitui seu domínio, é o mundo da cultura que se alonga no mundo da história.”
(FREIRE, Paulo. Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos. Pág.23,1975)

Acreditamos, como educadores e futuros educadores, que o fato de haver toda a questão da prática pedagógica relacionadas às metodologias de ensino não diminui e não menospreza o fato de que o educando precisa fazer parte desta parte do preparo, e precisa haver uma adequação quanto a questão da aplicação e avaliação.

Análise questão 3:

Quadro 3. Percepção dos Alunos e Professores sobre Estratégias Metodológicas.

| | |
|---|--|
| <p>Pergunta 3. Alunos: Os teus professores fazem com você mostre o que já sabe na sala de aula? Como eles fazem isso?</p> | <p>Pergunta 3. Professores: Que estratégia metodológica você usa para trabalhar com os saberes e/ou representações de teus alunos? Quais as metodologias ativas mais utilizadas? Quais as dificuldades?</p> |
| <p>A1- Sim. Bastante. Conversam e a gente diz. Eles nos dão oportunidade.</p> | <p>P1- O que mais tem surtido efeito... assim... em sala de aula, é mesmo essa possibilidade de exploração oral. Na minha turma, especificamente, nós temos dois grupos bem distintos: Um grupo de mais idade e a juventude, tá? Então a gente traz muito a questão da musica, né? A discussão do próprio hip hop, do funk, né? E poder tá explorando isso também na questão do suposto conflito de gerações que poderia ter aí, né? De a gente poder fazer este acultramento dos... dos... dois grupos, tá? E esta troca não só a partir do texto, mas também a partir da música, a partir, né?... de outros portadores de texto que podem tá sendo usados.[...] Inclusive uma das coisas assim que... ãhn... a grande maioria das escolas tem é a crise, né? do celular em sala de aula. Com a juventude a gente... em alguns momentos a gente precisa liberar isso, né? Por que o celular hoje em dia... e todos eles tem acesso, né? Hoje praticamente é smartphone, é internet... e tem que poder tá trazendo isso pra sala de aula ou tu perde muito deles. Por que é uma forma de manter também o interesse deles pelo que tu tá discutindo, né?</p> |
| <p>A2- Ah... eles ajudam a falar... Perguntam o que os alunos sabem, o que não sabem das coisas. Eles dão a ... eles vão na... nas classes perguntar: “Tá precisando de uma ajuda?” “Sim ou não?”. É isso o que acontece. E a gente fala que sim.</p> | <p>P2- Vincular com a realidade, né? Qualquer temática que tá sendo trabalhada... ela não pode ser solta, ela precisa ter uma vinculação com a experiência de vida deles e ter alguma aplicação prática na realidade. Então quando se trabalha um planejamento que prevê isso a partir da... da... do próprio relato, a partir da expressão oral, a partir</p> |

| | |
|--|---|
| | da sistematização de forma escrita, através da interpretação... é tentando vincular a temática que está sendo trabalhada com a experiência que ele tem em relação à temática. Estimulando que ele fale, que ele argumente, que ele escreva, que ele sistematize, que ele abstraia inclusive. |
| A5- Não quis responder. | - |
| A4- Conversam muito sobre nosso dia dia. A gente vê que eles dão atenção. | - |

Fonte: Entrevista Realizada em 22/06/2017 em CMET Paulo Freire

Quadro Síntese:

Percebe-se no discurso dos entrevistados a seguinte lógica:
 Os alunos conseguem perceber apenas a metodologia da pergunta (os professores perguntam e eles respondem).
 Os professores falaram demasiadamente sobre metodologias de ensino que acontecem. Algumas não foram citadas pelos alunos. (o que os alunos mais sentem e, acredito que se sintam bem, é a parte das perguntas).

Analisando esta questão feita aos alunos e, de diferente modo, porém igual aos professores¹¹, vamos perceber que a mesma foi feita com o objetivo de mostrar o fator que apresenta a maior incidência de liberdade na sala de aula ou a falta dela: as estratégias de ensino. O ato de o educador trazer elementos condutores da aprendizagem para a sala de aula, mostra ao aluno que ele tem uma importância para o educador. Trazendo esta questão de vinculação não apenas quando trabalhando tal temática, mas fazendo que o aluno aprenda cotidiana e continuamente. Não devemos privar os alunos de uma educação libertadora para favorecer nosso tempo e nossa maneira de ensinar. Paulo Freire defende que "Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira." (FREIRE, 1987, pág 47).

¹¹As perguntas foram feitas com o mesmo objetivo para os alunos e professores, porém de forma adaptada para ambos.

Portanto a estratégia metodológica se aplica tanto ao ensino quanto à aprendizagem. Sim, pois na aprendizagem existem estratégias seja o indagar, seja o reproduzir, seja o contribuir.

Análise questão 4:

Quadro 4. Percepção dos Alunos e Professores sobre os Resultados das Propostas Metodológicas Ativas em sala de aula.

| | |
|---|---|
| <p>Pergunta 4. Alunos: O que tu aprende na sala de aula, tu usas para quê no teu dia dia? Pra que serve o que tu aprende?</p> | <p>Pergunta 4. Professores: Quais os resultados das propostas metodológicas ativas em sala de aula? para conteúdo? Para a formação do aluno?</p> |
| <p>A1- Ah... pra... pra evoluir. Procurar evoluir... cada dia mais, cada dia que passa...</p> | <p>P1- Olha... quando a gente tá falando de Educação de Jovens e Adultos, né?... a gente tá falando, realmente, de aluno que não teve acesso, né?... ou que teve uma experiência muito frustrada com a escola. Então o resultado... ele, muitos casos... a gente leva ele a longo prazo. A gente leva um tempo pra tomar, primeiro a autoestima, a possibilidade de realmente de ele entender que ele é capaz e que ele pode aprender. E acho que a grande potência que a gente consegue perceber com eles é o feedback permanente que a gente fez. Essa coisa de tu poder ter o grupo menor de alunos, onde tu tem a possibilidade de ter uma interação quase que individualizada, né?... De poder tá permanentemente devolvendo isso pra eles e fazendo contratos, como eu brinco com eles: “Bom, então agora nesse próximo mês a gente vai investir em tal questão”, “Bom, tá faltando isso...” Como eu tenho uma turma de T3, a juventude tem uma expectativa muito grande de avanço. Eles querem ir para as T’s finais por que... não só tá lá o maior número de jovens, mas como tem todo aquele encantamento, de ter vários professores,</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>de ter uma outra rotina... Então a gente vai estabelecendo contatos com eles: “Bom, agora tá faltando tal coisa, vamos investir aqui agora... vamos...” né? [...] Então eles poderem entender que a proposta é diferente, a forma de avaliação é diferente, que a intervenção vai ser diferente. Por que também não adianta a gente fazer uma educação de jovens e adultos que simplesmente repita uma fórmula que já não funcionou. Então eu acho que este é o grande momento, é o “pulo do gato” mesmo pra gente conseguir ver a diferença... a metodologia para cada ali e o resultado disso, né?</p> |
| <p>A2- Ah... aprendo pra melhorar mais as coisas que eu faço na sala de aula, aprendo mais coisas pra aprender... tem que aprender até... até... aprender pra se ligar no que a gente faz na sala de aula. Eu uso a internet. Porque eles dão tema pra fazer. Aí se eu não conseguir fazer aqui no colégio, eu faço em casa.</p> | <p>P2- Tudo tem que ter uma vinculação com uma aplicação na realidade, né? Qualquer conteúdo, qualquer temática, qualquer texto trabalhado em sala de aula a gente tem que trazer ele pra realidade, pra ele conseguir ler, interpretar, escrever e ver o que daquele texto, o que daquele conteúdo, o que daquele tema tem aplicabilidade na sua realidade, tem a ver com o mundo em que ele vive. É nesse sentido.</p> |
| <p>A3- Bom, as coisas que eu aprendo, é tudo com dinheiro. Se eu não tiver mais ninguém, daí eu sei um pouquinho de dinheiro que eu tô conhecendo na aula de matemática que eu tenho na segunda-feira de tarde, que eu tenho... segunda e terça que eu tenho tarde aula de matemática. Tem uma caixa cheia de dinheiro, e ela põe tudo na mesa, e depois ela põe a conta no quadro, daí conforme o dinheiro tá ali tem que formar a conta que tá no quadro. Ou até aquela outra coisa... calculadora, também, pede pra calcular. Tem aquelas folhinhas que tem as coisas ali escrita, as coisas e desenhos que tem o numero dos preços... ali... ela coloca</p> | <p>-</p> |

| | |
|---|--|
| na frente e diz: 'Agora tu olha pra folhinha, tu pega o dinheiro e bota aqui na minha frente separadinho.' Também tem isso lá. A gente tem que fazer. Se não faz direito, ela vem e ajuda. A professora lá... eles aqui são tudo muito atenciosos com a gente. Eu acho demais, até. | |
|---|--|

| | |
|---|---|
| A4- Me ajuda no meu dia dia. Pra conseguir emprego , esses negócios... | - |
|---|---|

Fonte: Entrevista Realizada em 22/06/2017 em CMET Paulo Freire

Quadro Síntese:

| |
|---|
| <p>Percebe-se no discurso dos entrevistados que: Os alunos acreditam que o que aprendem é importante para vida prática. Os educadores acreditam que o que os alunos aprendem é imprescindível para que o aluno viva em sociedade.</p> |
|---|

Os pensamentos à respeito das estratégias de ensino devem ser muito cuidadosos, pois no momento em que o educador da EJA se propõe a aplicar suas metodologias de ensino, se propõe, automaticamente, a participar de uma transformação e de uma construção outrora preparada. Quando se pensa a educação de jovens e adultos do viés cultural, pode-se notar que o mesmo vem para a escola com bagagens cheias de memórias, construções, aprendizagens e muitas dúvidas a respeito de diversos assuntos. Cabe ao educador o lidar de forma a perceber que não se deve eliminar esta bagagem, mas aprender a ver nela o sentido que o aluno vê ao carregá-la. As metodologias devem se dar não para que o conhecimento e aprendizagem se limite à escola, mas que possa levar para a vida e que possa agregar na valorização de sua posterior construção.

Analisando as respostas dos alunos, podemos perceber que as aprendizagens, de certo modo, são utilizadas e eles mostram bastante apreço pelas mesmas. Enfatizando a resposta A3 (Pergunta4,Resposta A3), podemos perceber que o aluno tem uma certa apreciação pela aprendizagem adquirida e que, de fato, serve para que haja uma constante aprendizagem dentro e fora da escola.

Como educadores, devemos fazer com que a valorização e o impulso dado, para que haja mais aproveitamento do ensino pelos alunos, seja para que a

educação e metodologias, conteúdos e planejamentos façam sentido para vida do aluno em sociedade, dentro e fora da escola. Paulo Freire afirma que:

“Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer “bancária” ou de pregar no deserto. Por isto mesmo é que, muitas vezes, educadores e políticos falam e não são entendidos. Sua linguagem não sintoniza com a situação concreta dos homens a quem falam. E sua fala é um discurso a mais, alienado e alienante.” (FREIRE, Paulo. A Pedagogia do Oprimido, pág.49, 1987)

Sendo assim, podemos perceber que o aluno Jovem e Adulto é aquele aluno que “não teve acesso... ou que teve uma experiência muito frustrada com a escola” (Pergunta 4, Resposta P1). Devemos perceber que para esse aluno, os métodos mais eficazes são aqueles apresentados de forma a valorizar as suas vivências e saberes prévios.

Análise da questão 5:

Quadro 5. Percepção dos Alunos e Professores sobre a Importância da Liberdade de Expressão para a aprendizagem do aluno.

| | |
|--|--|
| Pergunta 5. Alunos: E a liberdade de falar na sala de aula, de conversar, de falar o que sabe? Tu acha importante? | Pergunta 5. Professores: Qual a importância da Liberdade de Expressão para a aprendizagem dos alunos? |
| <p>A1- De... ah acho que... ah... não sei explicar... (risos), mas acho que é importante...</p> | <p>P1- A liberdade de expressão é importante sempre, em qualquer momento da vida, né? Isso é uma coisa que a gente preza muito aqui na escola, né? Isso faz parte dos princípios da educação de jovens e adultos, né? O respeito à diferença, a possibilidade de expor essa diferença e de ter essa diferença contextualizada no todo. A gente usa muito a frase aqui com eles que : ‘o legal é ser diferente.’ né? Por que realmente a gente tem um universo de muitas escolas dentro de uma só, né? A gente tem juventude, a</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>gente tem terceira idade, a gente tem aluno especial, quem já estudou, quem nunca estudou, quem tem experiência frustrada, quem... Então... são uma gama, se contar que a gente tem... a gente não tem uma comuni... um lugar de comunidade escolar. A gente tem alunos inclusive, da grande porto alegre. Então eles não tem também essa marca de território. São coisas que também precisam ser exploradas nessa diferença cultural e que faz parte da nossa rotina todos os dias, assim... seja na sala de aula, seja na discussão que a gente faz com eles aqui no átrio quando a gente reúne várias turmas e a gente tem essa... muito desses momentos, assim... de juntar turmas, de... não porque não tenha professor, mas porque a gente tem um planejamento neto coletivo para desenvolver, pra fazer a troca de experiência... então isso é permanente.</p> |
| <p>A2- Sim. Ah... por que a gente... a gente se revesa. O que que um faz, o que que o outro faz. Aí a gente se junta e um que dá a matéria, dá pro outro que falta aula. Às vezes tem uns que falta a aula e outros não, daí a gente se reveza e dá a matéria que falta.</p> | <p>P2- Toda, não é? A partir do momento em ele consegue ter uma opinião própria em relação a determinado conteúdo, a determinado trabalho, isso tá ajudando na aprendizagem. É total. A liberdade de expressão é total no sentido... não só a expressão oral, mas expressão escrita, expressão artística, expressão corporal... todas as formas de expressão.</p> |
| <p>A3- Ah... eu acho... não sei... eu acho... olha até me ajudado, mas alguma coisa que eu ainda não sei... alguma outra coisa que eu não sei... Tendo jeitinho de colocar pra fora as coisas, numa boa com outra... só depende a pessoa pode sentir vontade, né? Aquela pessoa tá interessada. Eu vou procurar ajudar ela da maneira que que eu posso. É isso que eu acho.</p> | <p>-</p> |
| <p>A4- Sim. Por que se não tiver a</p> | <p>-</p> |

| |
|---|
| expressão... o diálogo dentro da sala... não tem como se expressar, não tem como aprender. Se não conversar não tem como aprender. Que só passando no quadro, só escrevendo não tem como. |
|---|

Fonte: Entrevista Realizada em 22/06/2017 em CMET Paulo Freire

Quadro Síntese:

| |
|---|
| <p>Percebe-se no discurso dos alunos que: Para os alunos, a liberdade de expressão é colocada nas ideias de compartilhamento e de conversa. Eles acreditam ser importante essa questão de conversar para aprender. Para os professores, a liberdade de expressão é fundamental para aprender, dentro da sala de aula. P2, enfatiza a questão de o aluno “<i>conseguir ter uma opinião própria</i>”. Fala-se aqui como se o aluno não a possuísse.</p> |
|---|

De acordo com Paulo Freire (1996), a educação libertadora é aquela que respeita os alunos, sua capacidade e formas de aprendizagem. É aquela que mostra ao aluno que ele é capaz de adquirir e compartilhar conhecimentos e aprendizagens.

“O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.” (FREIRE, Paulo. A Pedagogia da Autonomia. 1996, pág.58)

A questão 5 foi feita com o objetivo de apresentar as percepções de liberdade do ponto de vista do aluno e do educador. A resposta do educador P2 (Vide) apresenta uma questão de percepção de liberdade sem expressão própria, aquela de fazer com que o aluno responda o que foi perguntado. Quando apresentado a pergunta, o educador P2 abrange formas de expressão diversas.

Análise questão 6.

Quadro 6. Percepção dos Alunos e Professores sobre a Possibilidade da Liberdade de Expressão na EJA.

| Pergunta 6. Alunos: É possível liberdade de expressão na EJA? | Pergunta 6. Professores: É possível liberdade de expressão na EJA? |
|--|--|
| A1- Sim... mas não sei explicar. | P1- É essencial! Senão não tem sentido. |
| A2- Sim. | P2- Sim. É possível, claro. Em toda a educação é possível. |
| A3- Eu acho que é. | - |
| A4- Sim. Eles (professores)... tipo eles conversam sobre várias... vários assuntos do dia-dia. Então, daí tem como se expressar. | - |

Fonte: Entrevista Realizada em 22/06/2017 em CMET Paulo Freire

Quadro Síntese:

| |
|---|
| <p>Percebe-se no discurso dos entrevistados que: para os alunos a liberdade de expressão é importante e possível. Igualmente na percepção dos educadores.</p> |
|---|

Dentro de uma organização escolar, podemos notar que as possibilidades de liberdade são alavancadas dependendo das metodologias de ensino as quais os alunos são submetidos. Nessa questão nº6, podemos perceber que os alunos e educadores percebem as possibilidades de proporcionar liberdade ou uma educação libertadora para que haja aprendizagem efetiva e eficaz na escola. Analisando esta questão, vamos seguir a linha de pensamento de Paulo Freire que coloca a concepção de liberdade de educação da seguinte forma:

“Sendo os homens seres em “situação”, se encontram enraizados em condições tempo- espaço que os marcam e a que eles igualmente marcam. Sua tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade, na medida em que, desapoitados por ela, agem sobre ela. Esta reflexão implica, por isto mesmo, em algo mais que estar em situacionalidade, que é a sua posição fundamental. Os homens são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão.” (FREIRE, Paulo a Pedagogia do Oprimido, pág. 58, Cap. 3- 1987).

Capítulo 5- Considerações finais. Possibilidades da Liberdade de Expressão em sala de aula.

Após as análises das entrevistas, relacionadas com as ideias e metodologias de Paulo Freire, podemos ter em vista que o aluno, quando possui a liberdade de expressão em seu contexto escolar, em seu dia-dia, tem um desempenho maior no tocante ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Quando o educador trata de forma a considerar o educando como integrante do processo de aprendizagem e também como participante do mesmo, a metodologia e as estratégias do ensino se tornam totalmente mais eficazes.

A pesquisa trouxe consigo a ideia das praticas cotidianas dos professores da EJA (foco no módulo do Ensino Fundamental), sua organização e o processo de legitimação dos saberes. Aos alunos tem sido proporcionado se expressarem de forma a serem respeitados em sua individualidade e a respeitarem individualidades e realidades alheias.

O educador deve ter em mente, ao pensar em seu projeto e planejamento escolar que aluno da EJA é aquele aluno que outrora não obteve oportunidade de participar do convívio e socialização escolar. Mas durante esse período afastado desta comunidade, não quer dizer que o mesmo não tenha aprendido ou adquirido conhecimento sobre as coisas que o rodeavam. As culturas estabelecidas e adquiridas são de suma importância para aquele que a possui. Ao o educador cortar e inibir a exposição e expressão dessas culturas e aprendizagens anteriores, está automaticamente fazendo com que este aluno seja oprimido em seus conhecimentos prévios. Uma das ideias centrais dos trabalhos de Paulo Freire (sim, no plural, pois todos trazem algumas ideias em comum) é a questão da crítica à opressão e a desvalorização das culturas trazidas em sala de aula.

Podemos notar que ao longo de uma trajetória escolar muitas coisas são agregadas à nossa bagagem cultural e também à nossa cultura propriamente dita (tanto para alunos quanto para educadores, todos apresentam a possibilidade de aprender e continuar aprendendo). Em meio a tantas metodologias de ensino “engessadas” e já prontas, como educadores devemos ter a percepção e cuidado

para não desmerecermos a trajetória dos alunos. Não devemos, com nossas ideologias já prontas e preparadas dominar e fazer com que o aluno “aprenda” da nossa maneira. Quando o educador oprime e domina uma cultura, automaticamente está dizendo para o aluno “Eu sei mais do que você. Você está aqui para ouvir o que tenho a dizer e ensinar!” .

Há terríveis opressões que não permitem uma libertação de forma plena e eficaz. Educadores precisam fazer com que os seus alunos desenvolvam a consciência crítica para que os alunos reconheçam sua capacidade de reconhecerem sua importância em meio à uma sociedade cheia de hierarquias culturais.

Muito podemos como educadores ao trazermos uma educação crítica e libertadora em nossas salas de aula. Os modelos tradicionais de educação e suas tradicionais metodologias apenas fazem com que o aluno tenha de deixar para trás o seu universo e seja obrigado a se adaptar em um mundo que não é o seu, um mundo estranho, digamos assim. Como processo para a libertação a educação deve dar oportunidade de o aluno se libertar de um sistema que o pressiona a atingir metas que nunca foram suas realmente.

A educação é um dos campos mais importantes para a implementação de uma ideia libertadora para a sociedade. Os aprendizes devem sentir o desejo de aprender e reaprender. De sentir e fazer que ele mesmo seja visto e sentido pelo educador como alguém capaz de agregar mais conhecimento em sua bagagem cultural e aprendizagens prévias.

Acredito (agora falo deixando como opinião pessoal, exercendo minha liberdade de expressão) que a educação seja primordial para a vivência em sociedade e faça sentido somente para a mesma e para que haja a promoção da tolerância , não fazendo sentido o aprendizado somente para dentro da escola. No entanto, sei que por si só ela (a educação) não é auto-suficiente em uma sociedade para libertação em plenos sentidos. Acredito que devemos levar em consideração diversos fatores que constituem um contexto social como por exemplo: economia, cultura, saúde, educação, política... se um destes aspectos se desencontra constantemente com os outros ou não respeita constantemente sua realidade, não

há possibilidades de crescimento e partilhamentos de saberes dentro desta sociedade. Então, penso não é apenas a educação que deve lutar para que a sociedade mude e os índices de violências diminuam, mas sim uma luta em conjunto juntamente com os outros aspectos que constroem esta sociedade atual.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, Wagner Roberto. **Políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Conceito e Contextos**. v3, n.1. p.1 (sem inf. ano).

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Políticas Públicas Para A Educação de Jovens e Adultos**. Maringá, p.5, 2007.

FREIRE, Paulo- **A Pedagogia da Tolerância**. - (Direção, organização, apresentação e notas- Ana Maria Araújo Freire 1921-1997). São Paulo. editora UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo- A significação conscientizadora da investigação dos temas geradores. Os vários momentos da investigação. In: FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro:, Paz e Terra. 1987. Cap.3 p.58

FREIRE, Paulo- Educação Dialógica e Diálogo. In: FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro:, Paz e Terra. 1987. Cap. 3 p.45.

FREIRE, Paulo- Educação Dialógica e Diálogo. In: FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro:, Paz e Terra. 1987. Cap. 3 p.47.

FREIRE, Paulo- Educação Dialógica e Diálogo. In: FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro:, Paz e Terra. 1987. Cap. 3 p.49

FREIRE, Paulo. A Alfabetização de Adultos- crítica de sua visão ingênua, compreensão de sua visão crítica. In: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade: E Outros Escritos**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1975., p. 23.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Libertação: Parte 1 O Processo de Alfabetização de Adultos Como Ação Cultural Para a Libertação. In: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade: E Outros Escritos**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1975. Parte 1, p. 57.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transmitir conhecimento: Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 52. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. Cap. 2. p. 58-59.

FREIRE, Paulo. Ensinar não é transmitir conhecimento: Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 52. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. Cap. 2. p. 58.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>>. Acesso em: 28 de jun. 2017.

MOBRAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>> acesso em 28/06/2017

Projeto Político Pedagógico- CMET Paulo Freire.

RODRIGUES, Patrícia Mendes; KOENIG, Karen; SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana- Práticas cotidianas na docência dos professores do Ensino Médio na EJA: reflexões sobre o processo de legitimação dos saberes- 2009.

SANTOS, Néri Antonio dos. História da Educação. Disponível em : http://www.atividadeseducativas.com.br/pedagogia/1sem_trabalho3.doc Acesso: 30 de Junho de 2017.

SCHRAM, Sandra Cristina; CARVALHO, Marco Antonio Batista- O PENSAR EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE Para uma Pedagogia de mudanças- 2007.

SERRANO, Glória Perez. Sociedades Multiculturais e Educação para a Tolerância. In: SERRANO, Glória Perez. **Educação em Valores: Como Educar para a Democracia**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. Cap.1 22p., 26p.

Site ebah, **Processo educativo no contexto histórico: cronologia da educação**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAaZEAD/processo-educativo-no-contexto-historico-cronologia-educacao>. Acesso: 30 de Junho de 2017.

WIKIPÉDIA. História do ensino brasileiro. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_ensino_brasileiro> Acesso: 30 de Junho de 2017.

APÊNDICE 1- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar da pesquisa basta preencher os seus dados e assinar esse Termo de Consentimento. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com a responsável pela pesquisa.

Eu, _____, residente e domiciliado (a) _____, nascido (a) em ____/____/_____, concordo de livre e espontânea vontade em participar, como voluntário(a), da pesquisa “**Título da pesquisa .**” Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Estou ciente que:

1º - Foram explicadas as justificativas e os objetivos da pesquisa.

O presente estudo tem como objetivo compreender a educação e o que acontece na escola , no município de Porto Alegre.

2º - Foram explicados os procedimentos que serão utilizados.

Entendi que se concordar em fazer parte deste estudo terei que participar de uma entrevista semiestruturada, individual, que contém um roteiro com perguntas abertas e que será registrado com fotos de seu filho/filha. Essa entrevista levará cerca de 20 minutos para ser finalizada e será realizada na escola ou onde o entrevistado propor, evitando constrangimento e exposição desnecessária dos indivíduos participantes do estudo. Estou ciente de que as fotos e a transcrição da fala gravada será colocada e transferida para um texto em computador e que os pesquisadores envolvidos nesse estudo conhecerão os conteúdos, tal como foi falado, para discutir os resultados. Ficou claro que poderei ser recontatado (se concordar) para revisar a gravação e as fotos feitas de meu filho/filha. As gravações, fotos com as entrevistas ficarão armazenadas em um *pendrive* específico por um período de cinco anos e depois serão destruídas (gravações serão deletadas do *pendrive*). O material textual das entrevistas só será utilizado para este estudo, não sendo usado em estudos futuros.

3º - Foram descritos os benefícios que poderão ser obtidos.

A partir desta pesquisa será possível compreender a educação e as questões de marcadores ou indicadores étnico-raciais.

4º - Nesta pesquisa, o tempo da entrevista poderá causar algum incômodo. Se me sentir incomodado ou desconfortável com a entrevista, posso parar de responder as perguntas a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo para mim. Também me foi explicado que para proteger minha identificação, os dados originais da pesquisa serão utilizados somente pelos pesquisadores envolvidos no estudo, sempre garantindo privacidade e o anonimato.

5º - Foi dada a garantia de poder optar por aceitar ou não o convite para participar da pesquisa, recebendo resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a possíveis dúvidas acerca dos procedimentos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.

Caso você tenha novas perguntas, ou se pensar que houve algum prejuízo pela sua participação nesse estudo, pode conversar com a professor Paulo Albuquerque (orientador responsável) no telefone 0XX (51) 92522377 , endereço Rua Paulo Gama S/N, prédio 12, Faculdade de Educação UFRGS, endereço eletrônico abuquerue.paulo@gmail.com ou com a estudante de Graduação Alyne Moraes, no telefone (51) 984893265, e-mail: alynefranciellymoraes@gmail.com Porto Alegre.

Desse modo, acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito do que li ou do que leram para mim, descrevendo o estudo. Eu discuti com os pesquisadores sobre a minha decisão de participar do estudo. Ficaram claros para mim quais os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes em qualquer etapa da pesquisa. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. A minha assinatura neste Consentimento Livre e Esclarecido dará autorização aos pesquisadores de utilizar os dados obtidos quando se fizer necessário, incluindo a divulgação dos mesmos, sempre preservando minha privacidade.

Porto Alegre, ___/___/___

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador